

O ENFRENTAMENTO DO LUTO A PARTIR DOS PILARES DA LOGOTERAPIA

Luciana Crnkovic

<http://lattes.cnpq.br/8815848309767756>

Lorena Rodrigues

<http://lattes.cnpq.br/9947098949125828>

Auriane Silva

Cintia Almeida

Silmara Leoncio

RESUMO: A morte faz parte da vida humana. Para muitos, há a convicção de que, quando se encerra a matéria, a vida também se finda; e essa visão influencia em como os que vivem o processo de luto lidam com a saudade dos entes que já faleceram. Há ainda os lutos vivenciados rotineiramente, como a perda de um trabalho, uma mudança de cidade e um rompimento de um relacionamento, por exemplo. Neste sentido, o presente artigo visa apresentar as formas de lidar com o luto, como a tomada de consciência e responsabilidade diante da vida que permanece, o encontro com o que a pessoa ainda poderá ser apesar da dor do luto, e a realização da missão que a vida convocará, mesmo diante das perdas. Essas formas de lidar com o luto serão apresentadas através dos pilares da Logoterapia, que são eles: a liberdade da vontade (uma capacidade da pessoa humana que permite que ela veja a si mesma, se aceite, se adapte), a vontade de sentido (o ser humano consegue ir além de si mesmo, mirar um sentido, ele precisa descobri-lo, mas ele tem a potência para alcançá-lo) e o sentido da vida (na vida sempre haverá um sentido, porém, cabe a pessoa humana encontrá-lo, uma vez que ele é único e intransferível).

Palavras-chave: vontade de sentido; liberdade da vontade; sentido da vida; luto; Logoterapia.

ABSTRACT: Death is part of human life. For many, there is the conviction that, when the matter ends, life also ends; and this vision influences how those who experience the grieving process deal with the longing for those who have passed away. . In this sense, this article aims to present ways of dealing with grief, such as awareness and responsibility for the life that remains, the encounter with what the person can still be despite the pain of grief, and the ac-

complishment of the mission. that life will summon, even in the face of losses. These ways of dealing with grief will be presented through the pillars of Logotherapy, which are: the freedom of the will (a capacity of the human person that allows him to see himself, accept himself, adapt), the will to meaning (the human being can go beyond himself, aim for a meaning, he needs to discover it, but he has the power to achieve it) and the meaning of life (in life there will always be a meaning, however, it is up to the human person to find it, since it is unique and non-transferable).

Keywords: will to meaning; freedom of will; sense of life; mourning; Logotherapy.

1 INTRODUÇÃO

Luto é a resposta a uma perda, não qualquer perda. Não se utiliza a palavra luto somente para se referir a perda de um objeto, ainda que valioso ou de grande estima, mas refere-se à perda de alguém que se ama. (PARKE-RS, 1998). Neste sentido, apesar da morte ser inerente à condição de todos os seres vivos, o sofrimento gerado pela finitude da vida de um ente querido é algo exclusivamente humano, porque pressupõe uma relação de vínculo de amor. Esse vínculo, por sua vez, ultrapassa as dimensões biológica e psicológica, diz respeito à dimensão especificamente humana, a dimensão denominada por Frankl (2019) de noética ou espiritual.

“(...) o amor pouco tem a ver com a experiência física de uma pessoa. Ele está ligado a tal ponto à essência espiritual da pessoa amada, a seu ser assim’ (na palavra dos filósofos), que a sua ‘presença’ e seu ‘estar-aqui-comigo’ podem ser reais sem a sua existência física em si e independentemente de seu estar com vida.” (Frankl, 2016, P.56)

A dor da perda, apesar de se mostrar de forma distinta e única de acordo com cada pessoa e cultura, é proporcional ao amor, ao vínculo existente entre os envolvidos. São faces da mesma moeda, já que não é possível viver o amor sem correr o risco da perda (Parkers, 2009). Para Kübler-Ross, o homem só consegue ter uma boa morte se teve uma boa vida, afinal o que preocupa na hora da morte, são justamente as questões relacionadas à vida. Já Combinato (2006, p.29), entende que para o ser humano, o ato de morrer, além de um fenômeno biológico natural, contém intrinsecamente uma dimensão simbólica.

Nesse sentido, a arte de viver bem é importante tanto para a vida quanto para a morte. Portanto, o luto é uma resposta natural para uma realidade que, cedo ou tarde, será experimentada pela maioria das pessoas: a perda de quem se ama. Por isso, há que se ter cautela em dois aspectos. O primeiro é interpretar mal as fases do luto ao entendê-las como etapas estáticas e igualmente vivenciadas por todas as pessoas enlutadas (Kübler-Ross, 2005). O segundo, quanto ao uso precoce de medicamentos diante das crises normais de pacientes enlutados.

Indubitavelmente, há casos em que o luto torna-se prolongado, quando a intensidade do sofrimento inicial permanece ao longo de vários anos após a morte do ente querido. Até mesmo pode gerar psicopatologias como depressão, transtorno de ansiedade, havendo a necessidade de intervenção medicamentosa. Porém, é preciso levar em consideração a tendência que as pessoas têm de esperar que os médicos aliviem todo o sofrimento humano, anestesiando a dor, ao invés de se buscar meios de enfrentar o sofrimento gerado pelo luto (Parkers, 1998).

Ao deparar-se com um sofrimento inevitável apresentado pelo destino, é preciso encontrar a resposta única, pessoal e irrepetível a se dar. E, considerando que ninguém pode substituir a pessoa que sofre do seu destino e do sofrimento em si, a maneira como esse sofrimento é suportado pode apresentar uma realização única para a vida desta mesma pessoa (Frankl, 2019), inclusive a de encontrar sentido na perda irreparável de uma pessoa amada.

Diante dessas realidades apresentadas, o presente artigo tem como objetivo descrever os meios de enfrentamento do luto sob a ótica dos pilares da logoterapia: a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida (Parkers, 2009).

No que se refere a organização textual, o trabalho foi estruturado em Introdução, Metodologia e Fundamentação Teórica, essa será dividida em 2 subtópicos onde será tratado primeiro, os pilares da logoterapia, em seguida as diversas apresentações do luto e por último a discussão e considerações finais.

2 METODOLOGIA

Para elaboração do trabalho foi realizada uma pesquisa do tipo qualitativa de natureza explicativa, pois buscou-se maior compreensão do tema, para torná-lo mais explícito e claro.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 OS PILARES DA LOGOTERAPIA

Viktor Frankl, o pai da Logoterapia, vai nos dizer que o homem é aquele que é livre, responsável, autotranscendente e capaz de sofrer; tridimensional, aquela que sempre decide o que é, que é único e irrepetível. O homem é livre apesar de doenças, apesar de estar prisioneiro, e para agir com a liberdade ele precisa associar ela a responsabilidade, uma vez que agindo livremente e responsabilmente ele não aprisionará em uma situação por escolha própria. A autotranscendência é unicamente do ser humano, pois um animal não consegue ter um olhar distanciado de si para refletir sobre uma determinada situação, ele simplesmente age instintivamente, um ótimo exemplo é de uma mãe, que ao precisar ninar um bebê que chora durante a madrugada, mesmo que ela esteja fraca, sem forças e exausta, ela transcende essas limitações. O homem é tridimensional, pois ele é biopsicoespíritual, possui essas três dimensões, e sempre poderá decidir quem ele é, e isso também faz do homem, único e irrepetível, ninguém pode ser o outro, cada um deve por si mesmo cumprir o seu chamado.

Dito isso, a visão do homem na escola Frankliana está fundamentada em três pilares, a saber: a Liberdade da Vontade, a Vontade de Sentido e o Sentido da Vida. (Frankl, 2011)

Viktor Frankl apresenta os pilares da logoterapia na maioria de seus livros, ao longo da sua obra, Frankl vai nos dizer sobre essas três realidades, pois a partir delas encontra-

-se o lugar onde foi construído todo o projeto de pessoa e de mundo, toda realidade composta por arte, técnicas, ciência e sabedoria que é a Logoterapia.

Anteriormente ao tema específico sobre os pilares, é preciso iluminar o tema da Vontade. Quando trazemos que o primeiro pilar se chama Liberdade da Vontade, pode parecer algo repetitivo, afinal liberdade já nos diz de algo que a vontade escolhe, e a escolha é um ato livre.

Diante do fato que desde os tempos de Frankl o conceito de vontade foi deturpado, é preciso relembrar o real significado, bem como a liberdade que se degenerou em arbitrariedade precisa ser evocada, diante disso, Frankl apresenta o primeiro pilar da Logoterapia como uma espécie de retomada histórica e de instalação dentro de tradições filosóficas clássicas.

Dentro do primeiro pilar que é chamado de a Liberdade da Vontade, ele apresenta que não existem fatores determinantes no que diz respeito à pessoa humana, essa liberdade implica a liberdade da vontade humana, de um ser impermanente. O homem é livre para tomar uma atitude independente das circunstâncias que lhe ocorrem. (Frankl, 2011)

Essas circunstâncias mostram que o homem não é livre de algo, porém livre para algo, ou seja, há condicionamentos nas instâncias biológicas, psicológicas ou sociológicas do homem, mesmo assim ele ainda é livre para se posicionar diante da situação que lhe é apresentada. Frankl (2015) expõe que numa situação em que a pessoa humana sofre com uma depressão orgânica, ela tem a liberdade

de lutar contra ela, não negando-a, mas não cedendo a ela como determinante para sua vida, isto é, ao tomar consciência de que está acometido de uma psicopatologia como a depressão, a pessoa além de escolher não se deixar vencer por ela, precisa assumir a responsabilidade de fazer os devidos tratamentos que o possibilitem de obter a cura, assim ele exerceria a sua liberdade da vontade.

O segundo pilar da Logoterapia é chamado de Vontade de Sentido, a ânsia obstinada do homem para encontrar um significado para a sua vida. Essa vontade de sentido destoa da vontade de poder defendida por Adler e da vontade de prazer, por base da tese de Freud (Frankl, 2011).

Deve-se considerar que a vontade de sentido seria como um interesse primário do homem. Essa vontade de sentido não é sanada na contemporaneidade, e não é contemplada pela Psicologia moderna, que, por sua vez, apenas vê o homem como um ser que reage a incitações, ou acata seus próprios apetites. Na Psicologia Adleriana, busca-se a vontade de poder; na Freudiana, a vontade de prazer, mas a que está no cerne do homem, é a vontade de sentido. (Frankl, 2005).

Assim, a vontade de sentido é frustrada pela busca de si mesmo e isso gera vazio ou ausência de sentido, e por isso, cada vez mais, as pessoas têm precisado da ajuda do psicólogo e psiquiatra, queixosos de um vazio, de ausência de sentido.

O vazio existencial acontece na medida em que o ser humano se nega a fazer escolhas que são de sua competência, diante do fato que o sentido é algo que se tenciona,

quando o sujeito não é desafiado por uma tarefa que exige o seu empenho, surge um certo tipo de neurose, a qual Frankl chamou de neurose noogênica.

O Sentido da Vida é o terceiro pilar da Logoterapia, Viktor Frankl afirma por diversas vezes em seus escritos que há um sentido para a vida, um sentido ao qual o homem busca incansavelmente, e que livremente, pode escolher realizar esse sentido ou não. (Frankl, 2011).

Segundo Frankl & Lapide (2011), na intenção da terapêutica, o Sentido da Vida é pensado como o sentido real, de uma pessoa real, que se encontra em uma situação concreta, e que esta situação a confronta. O sentido é irrepitível, e ele só pode ser executado no agora, afinal as circunstâncias alteram-se continuamente:

O sentido se modifica hora e hora e de pessoa para pessoa. Continuamente. E esta incomensurabilidade engloba nossa responsabilidade. Por este motivo temos de realizá-lo. Em nenhum outro lugar isto é expresso melhor do que em Hillel: Se eu não fizer isso, quem fará então? E se eu não fizer isto agora, quando deverei fazê-lo? Em primeiro lugar o senhor tem a singularidade da pessoa e em segundo a unicidade da situação. E em terceiro toda a autotranscendência. Se eu, por exemplo, realizar algo somente para mim, somente por causa do equilíbrio psicológico, se eu faço algo apenas para produzir a homeostasia, se eu fizer apenas para que eu vivencie um sentimento de desejo, tenha um orgasmo e uma embriaguez de poder etc., o que sou eu então? Na verdade não sou um homem, porque eu mesmo não me autotranscendo neste momento ou nesta escala. (Frankl & Lapide, 2011)

3.2 AS DIVERSAS APRESENTAÇÕES DO LUTO

O luto é um processo que pode ser vivenciado após a perda efetiva da pessoa querida ou, de forma antecipada, no caso de quem acompanha o sofrimento de um paciente com enfermidade que não tem cura ou até que já se encontram em estágio terminal - o chamado luto antecipatório. Quando há uma perda, a tendência é que o sofrimento diminua à medida em que a pessoa enluta consegue reordenar sua vida cotidiana sem a presença da pessoa que se foi. Já no luto antecipatório, há uma intensificação do vínculo com a pessoa enferma, um aumento do sofrimento por uma separação iminente e um distanciamento das realidades cotidianas, já que o enfermo torna-se objeto central das atenções dos que estão ao seu redor. (Parkers, 2009)

Os tipos de perda mais estudados são os que apresentam grande vínculo entre as partes: luto parental (pai e/ou mãe), luto pela morte de um filho e a viuvez.

Observa-se que a perda parental - seja na adolescência, na juventude ou na idade adulta - tende a ter um impacto diferente da perda parental ocorrida na infância, já que além do vínculo afetivo em si, envolve também o grau de autonomia: quanto mais velho o indivíduo, menor é o grau de dependência de seus pais quanto à sobrevivência e cuidados. Os estudos realizados por Parkers sugerem que a perda da mãe costuma ser causa mais frequente do aparecimento de questões psiquiátricas do que a perda do pai. (Parkers, 2009)

Passada a infância, o indivíduo apresenta condições de adquirir alguma autonomia que pode ser suporte para o enfrentamento das mudanças da vida após a morte do pai e/ou da mãe. Autonomia, porém, não significa o rompimento do laço de amor com tranquilidade. Porém, o fato de não haver mais dependência dos pais quanto à sobrevivência, é um fator importante no processo de enfrentamento do luto. Por outro lado, se essa autonomia não tiver sido plenamente conquistada ao longo da vida, há risco do luto ter impacto nos relacionamentos já estabelecidos e nos relacionamentos futuros. Dessa forma, a perda parental pode ser tanto uma ameaça à saúde mental da pessoa, quanto uma oportunidade de crescimento para ela, a partir do reconhecimento dos valores pessoais, das próprias potencialidades e da força encontradas nos enlutados. (Parkers, 2009)

Já aqueles que viveram a experiência de perda durante a infância tendem a ser mais vulneráveis às perdas futuras ou a refletir com mais profundidade sobre as perdas futuras inevitáveis. Se, de um lado, a perda na infância pode ajudar a criança a lidar com as perdas futuras, por outro há aqueles que se tornarão extremamente sensíveis à possibilidade de novas perdas. Nesse caso, o trabalho do terapeuta é ajudar o paciente a estabelecer-se com uma segurança tal que lhe permita enfrentar o luto atual e os posteriores. (Parkers, 2009)

No caso da perda de um filho, lida-se com a forma de luto considerada mais severa, atormentadora e dolorosa que um indivíduo poderia experimentar. A intensidade e a duração variam de acordo com alguns

fatores, tais como: a idade do filho, o fato de ser filho único ou não, o tipo de morte (traumática, esperada ou súbita). Costuma ser marcada pela culpa que os pais sentem sobre o que poderiam ter feito para evitar a morte do filho e pelo sentimento de perda da oportunidade de compartilharem de um futuro em comum. (Parkers, 2009)

Ainda segundo Parkers (2009, p.203), a perda do cônjuge - a viuvez - é o tipo de luto que, com mais frequência, resulta em encaminhamento psiquiátrico. Bowlby afirma ter constatado em pesquisa que menos da metade das viúvas se recupera totalmente no prazo de um ano (Bowlby, 2015, p.121). Além do pesar que a perda em si gera, a viuvez costuma vir acompanhada do isolamento social e da solidão mesmo em meio às pessoas, já que não está mais ali o parceiro confiante que se tinha até então. Esse sentimento de solidão não costuma ser aliviado pela presença de pessoas em quem o enlutado pode confiar, pois ela advém do desejo de ter a seu lado alguém único e particular que não está mais presente: o cônjuge. Trata-se de um desejo de cuidado e de poder cuidar que pode levar a uma solidão duradoura que, na maioria das vezes, não é suavizada pela presença de amigos ou familiares. (Parkers, 2009)

O fato é que todo luto representa um grande sofrimento, sofrimento este que ainda pode ser intensificado nos casos de perda por assassinato, suicídio ou mortes múltiplas (Parkers, 2009).

As pessoas que enfrentam esse processo, evidentemente, estão fragilizadas e suas demandas são únicas na medida que cada luto é único. O acolhimento terapêutico, portanto, é um espaço fundamental para o cuidado desse sofrimento intenso e também um meio para a prevenção de doenças psíquicas que podem manifestar-se em decorrência do luto (Franco & Polido, 2014).

4 DISCUSSÃO

Frankl(2011) diz que se, de fato, há um sentido para a vida, esse sentido é incondicional, e nem mesmo a morte ou o sofrimento podem retirar sua validade”, assim, mesmo diante da morte, a totalidade da vida fica fora da sepultura e fora permanece, porque ela entrou para o passado onde tudo está guardado e nada está perdido, lá está preservado e salvo, a vida que foi vivida está “guardada”.

Ademais, Frankl (2008) concebe que o futuro existe como possibilidade dos sentidos a serem realizados, uma potência que poderá virar ato, enquanto que no presente o ato já precisa acontecer, o sentido o convoca para responder o chamado do agora, e como foi anteriormente abordado, o passado é a dimensão onde estão depositadas as escolhas do sujeito durante a passagem do tempo. Ao longo do existir humano, o vivido vai se configurando como o ser-no-mundo, o qual se encontra em uma relação dialética com o vir-a-ser. Com o passar do tempo, o ser humano é obrigado a fazer escolhas, ou responder as questões que a própria vida lhe coloca a cada momento.

Desde criança, um grande amor do qual nasceu uma criança e até mesmo uma grande ideia, tudo é transitório. Porém, tudo se faz eterno na existência. A eternidade se aposará de qualquer coisa que seja iniciada. De acordo com Frankl (1978), todos os valores realizados se encontram na porção mais segura e estável do ser, “o ser passado”. Salvamos, dentro do passado, as possibilidades na medida que realizamos valores.

A Logoterapia contribui para uma reflexão a respeito da morte através da descoberta de sentido para esta e para as vivências profundas, dela decorrente - o luto.

Frankl perdeu seus pais, seu irmão e sua esposa mortos nos campos de concentração. Diante da notícia, precisou ele mesmo viver seu luto e escolheu encarar a vida como algo que valia a pena. A memória das pessoas amadas, seus fortes valores religiosos, seu grande senso de responsabilidade o levaram a pôr em prática aquilo que chamaria na sua teoria de capacidade de autotranscendência. Guiado pela vontade de sentido, inerente a toda pessoa humana, pode, através da realização de valores, encontrarem um sentido para todo aquele sofrimento.. “A vida é sofrimento, sobreviver é encontrar significado na dor, se há, de algum modo, um propósito na vida, deve haver também um significado na dor e na morte”. (Allport, 1984)

Uma premissa fundamental da abordagem frankliana é o caráter autoral da vida, que defende caber somente a cada pessoa responder às situações que ela apresenta, por meio da sua liberdade. A partir dessa perspectiva pode-se compreender também que os enlutados são capazes de desenvolver estratégias no sentido de realizarem as tarefas do luto, ao vivenciarem um movimento dinâmico orientado. No tocante à morte, talvez esta seja uma das vivências mais mobilizadoras de tensão, uma importante questão para a busca pelo sentido da vida.

Assim, considera-se a importância de promover estratégias de educação para o sentido da vida e a finitude da existência como favorecedores da vivência do luto. O objeti-

vo e, ao mesmo tempo, o grande desafio da logoterapia é construir uma vida que tenha sentido, baseada na vivência da liberdade visando a responsabilidade, apesar de toda desordenação e abalo que a perda tenha causado. E tudo isso depende de uma postura digna, heroica, de uma decisão de transformar a miséria do sofrimento inevitável num triunfo.

Neste sentido, Frankl sugere as três principais vias, por meio das quais, o ser humano pode encontrar sentido em sua vida. A primeira é a realização de valores de criação: criar um trabalho ou fazer uma ação, o valor criacional diz respeito ao que a pessoa pode oferecer ao mundo, em relação ao luto, é difícil imaginar o que alguém poderia oferecer quando a dor aparentemente é a única que habita em seu ser, mas nesse valor, a pessoa pode usar a dor como uma espécie de adubo para iluminar aos outros, um exemplo simples, uma mãe que perdeu um filho pode transformar essa dor em um trabalho com demais mães enlutadas.

A segunda via se trata dos valores vivenciais ou de experiência, esse valor tem a ver com aquilo que a pessoa recebe do mundo, ou seja, ela é chamada a experimentar algo do mundo ou encontrar alguém, pode experimentar algo como a bondade, a beleza e a verdade ou até mesmo experimentar o amor, amando outro ser humano. Esse valor auxiliaria imensamente num processo psicoterápico onde a pessoa perdeu um ente querido para a morte e precisaria rememorar o amor por aquele ente como fonte de força para continuar a vida sem a presença dele, trabalhar isso num processo psicoterápico faz profunda diferença na elaboração do luto.

Por fim, a terceira via se trata dos valores de atitude, esse diz respeito ao enfrentamento de um sofrimento inevitável, de um destino que não se pode mudar, aqui é possível se deparar imediatamente com a finitude do ser humano, com a morte, e o luto é um sofrimento inevitável. Ainda assim, nessa posição onde a vida impõe esse destino inevitável, é possível erguer-se acima de si mesmo e mudar-se, transformando a tragédia pessoal em um triunfo, uma vez que o sentido se apresenta na forma como se lida com ele, na atitude que se toma perante aquilo que é imutável na vida, na busca de vivenciar tal situação com dignidade, com coragem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos três pilares apresentados, pode-se elencar muitos recursos para trabalhar os processos de luto.

Ao abordar o primeiro pilar da logoterapia, compreende-se que, mesmo a morte sendo algo imutável, isso não necessariamente condiciona o enlutado uma vida de pesares. Ele não é livre para escolher perder ou não a pessoa amada, mas é livre para escolher enfrentar a perda com todos seus recursos e possibilidades.

Geralmente o luto é lembrado apenas se referido a quando alguém morre, porém, existem perdas do cotidiano que para serem elaboradas se dá o nome de luto, também, pois são processos de perdas, doem e precisam de um novo sentido, como a perda de uma casa, a perda de um trabalho, e esses tipos de luto por diversas vezes são impostos, ou seja, não é uma escolha, é algo que acontece o indivíduo, porém não são determinantes na atuação da pessoa que sofre, pois ela é livre para dar um novo sentido ao que a acometeu, dessa forma aparece claramente a Liberdade da Vontade.

E já que a Vontade de Sentido, é aquele motor que faz de toda pessoa humana um “buscador de sentido”, o enlutado também o é; ele ainda é apto a encontrar sentido e propósito através da sua dor, seja doando-se aos seres amados que ficaram, continuando uma obra por amor ao ente que se foi, entre outros.

Com relação ao sentido da Vida, pode-se perceber que, diante da ideia de finitude, o

homem pode estar diante de duas situações: uma em que a pessoa, erroneamente, tinha o ser amado como o seu sentido, e, assim, preso à realidade da morte, não consegue realizar seu Sentido da Vida. A segunda ideia é a de que, apesar da morte, é possível encontrar seu sentido, realizando seus valores. Os pilares da Logoterapia, portanto, são fortes aliados para o enfrentamento do luto, tanto para quem passa pelo luto como para o terapeuta que necessita trabalhar essas questões com seus pacientes.

A morte não vai dizer somente de si mesma, mas também da própria vida. Afinal, o processo do morrer é incessante, tendo em consideração que cada momento da existência passa e é extinto. O transitório da vida é exatamente o que convoca o ser humano a extrair o melhor de cada instante, de cumprir e realizar um sentido, é justamente essa temporalidade finita que convida para a responsabilidade. (Frankl,2019). Se a vida tem sentido, o sofrer, que é inerente ao ser humano, também tem.

REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. **Formação e rompimento de laços afetivos**. 5ª Edição. São Paulo - SP. Martins Fontes, 2015

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. **Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski**. Revista Ciência & Saúde Coletiva, Set 2011, Volume 16 N° 9 Páginas 3893 – 3900

FRANCO, Maria Helena Pereira. POLIDO, Karina Kunieda. **Atendimento psicoterapêutico no luto**. 1ª edição. São Paulo - SP. Zagodoni, 2014

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo**. Aparecida-SP. Ideias & Letras, 2005.

_____. **A presença ignorada de Deus**. 10ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

_____. **A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia**. São Paulo - SP. Paulus, 2011.

_____. **O que não está escrito nos meus livros: Memórias**. 2ª Edição. São Paulo - SP. É Realizações, 2015.

_____. **Em busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 2019.

_____. **O Sofrimento Humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia**. 1 ed. São Paulo - SP: É Realizações, 2019.

FRANKL, Viktor Emil; LAPIDE, Pinchas. **A Busca de Deus e Questionamentos sobre o Sentido**. 4ª Edição. Petrópolis - RJ. Vozes, 2011

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PARKERS, Collin Murray. **Luto, estudos sobre a perda na vida adulta**. 3 edição. São Paulo: Summus, 1998.

PARKERS, Collin Murray. **Amor e perda**. São Paulo: Summus, 2009.

AQUINO, Sandra Cabral de. PENNA, Maura. **Princípios da Logoterapia de Viktor Frankl: motivações e busca do sentido da vida no contexto da Educação Musical**. ANPPOM, 2016. Disponível em: <https://anppom.org.br/anais/anais-congresso_anppom_2016/4309/public/4309-14229-1-PB.pdf>. Acesso em: 05 de setembro de 2022.